

A306675

CONFEÇÃO E TÊXTIL

Em crise, setor do vestuário luta contra o fim da linha

DIVULGAÇÃO

Indústria respira com a alta do dólar, mas alega que governo põe só “panos quentes”

DE NISE ZANDONADI
dzandonadi@redgazeta.com.br

Há quem acredite que o setor têxtil e do vestuário chegou ao fundo do poço no Espírito Santo. Otimistas, por outro lado, veem luz no fim do túnel. Pressionado pelas importações da China, pelo câmbio desfavorável e pelo parque fabril não modernizado, entre outros motivos, o segmento assistiu, nos últimos três anos, ao fechamento de pelo menos 45 empresas na Grande Vitória e entre 70 e 80 no interior, além da perda de 25 mil postos de trabalho.

Os dados são bem desanimadores, mas eis que, quando parece tudo perdido, o câmbio volta a colaborar com as indústrias, além de algumas medidas esporádicas do governo federal. Com o dólar mais valorizado, as importações se tornam menos atraentes e a indústria local começa a reagir.

Para o presidente da entidade que reúne os empresários da Glória e de Santa Inês (Vila Velha), Marcelo Rocha, “a situação é alarmante e, mesmo com as medidas de incentivo ao consumo adotadas pelo go-

verno federal, não está sendo possível reagir como gostaríamos diante da crise”, lamentou.

Em vez de medidas paliativas, afirma, o governo deveria rever sua proposta de mudança no Supersimples. “Não dá para incluir no mesmo grupo empresas que têm faturamento de R\$ 360 mil por ano com outras que faturam até R\$ 3,6 milhões”.

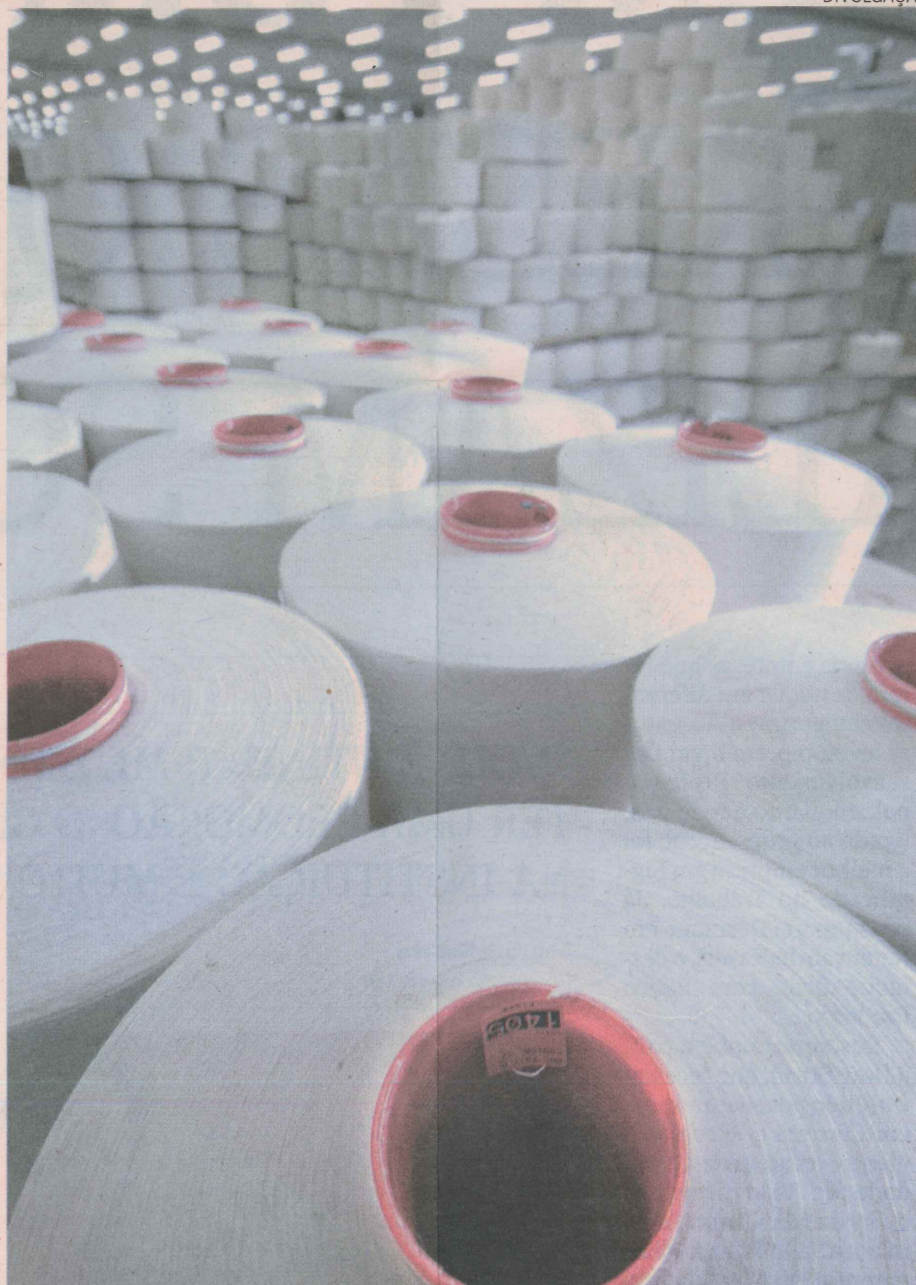
Ele cita como exemplo o Compet-ES, implantado pelo Estado para estimular as empresas a buscarem mais qualidade e inovação. “Mas eu pergunto quantas empresas conseguem ter acesso a um programa como esse?”.

Rocha frisa que não é contra o programa, mas alega que de um universo de 500 empresas, nem 1% chega a se beneficiar.

DESENCANTO

Além dos problemas já relacionados com as importações da China, o vice-presidente da Câmara do Vestuário da Federação das Indústrias (Findes), José Caros Bergamin, diz que há um desencanto do empresariado.

“No final de 2011, nós chegamos ao fundo do poço. Foram 25 mil postos de trabalho perdidos. Até abril deste ano, muitas empresas fecharam e tive-



A fábrica Poltex, da Serra, teve de ser vendida a empresários mineiros

ram que demitir”.

O que está ajudando são algumas medidas isoladas, mas, principalmente a situação na China, antes o grande alçoz da indústria capixaba de confecção. Bergamin explica que a alta do dólar frente o real torna os produtos importados da China menos competitivos aqui.

Além disso, o governo brasileiro impôs restrições para os importados. “Na semana passada, fui a São Paulo para fazer as encomendas de tecidos. Normalmente, compramos de duas grandes importadoras. Mas, desta vez, voltei sem comprar, porque os preços nacionais estão competitivos e os tecidos estão mais adequados às nossas coleções”, afirma.

Somente no Espírito Santo, há 12 importadores de tecidos, principalmente da China, que atendem o Estado e todo o país. Mas a situação ainda é difícil, como mostra a venda da Poltex, empresa situada na Serra, comprada por empresários de Minas Gerais. Os resultados também ficaram abaixo do esperado em outras firmas de médio e grande porte, nos polos de Colatina e da Glória.

Bergamin diz que, enquanto as empresas do varejo estiverem bem, a preocupação pode ser menor.